

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012

LEITURA: ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DA INTERTEXTUALIDADE

Elayne Santana Françaⁱ
Samuel de Souza Matosⁱⁱ
Thiago Gonçalves Cardosoⁱⁱⁱ

Eixo temático: Estudos da linguagem

Resumo

Este trabalho, ancorado nos estudos da Linguística de Texto, parte do pressuposto de que o leitor, ao ler um texto, dialoga com outros já lidos (BAKHTIN, 1997), os quais estão relacionados com suas vivências (KOCH, 2008), utilizando-se dos conhecimentos prévios depositados em sua memória. Com vista nisso, nosso objetivo, aqui, é mostrar a necessidade de reconhecimento de que, nas nossas práticas discursivas, estamos sempre dialogando com outros textos por meio do que dizemos, ouvimos, lemos ou escrevemos. Significa dizer que a todo momento recorremos ao fenômeno da intertextualidade para a produção de sentidos. Para isso, desenvolvemos, com alunos do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, atividades de leitura com textos que remetem a outros textos, com os quais estabelecem algum tipo de relação, tomando por base Bakhtin (1997), Koch (2011), Marcuschi (2008), dentre outros.

Palavras-chave: Ensino; Leitura; Intertextualidade.

Abstract

This work, grounded in studies of Text Linguistics, assumes that the reader, to read a text, dialogue with others already read (Bakhtin, 1997), which are related to their experiences (KOCH, 2008), using previous knowledge deposited in his memory. According to this, our purpose here is to show the need to recognize that, in our discursive practices, we are always in dialogue with other texts through what we say, hear, read or write. This means that all the time we resorted to the phenomenon of intertextuality for the production of meaning. To do this, we have developed with students of 4th and 5th years of elementary school, reading activities with texts that refer to other texts, which establish some sort of relationship, based on Bakhtin (1997), Koch (2011), Marcuschi (2008), among others.

Keywords: Education, Reading, Intertextuality.

1 Introdução

São muitas as dificuldades encontradas ao produzir e ler textos nos diferentes níveis de escolaridade. Essa problemática do processo ensino-aprendizagem tem mobilizado pesquisadores e educadores a buscarem soluções para a reformulação dos antigos métodos de ensino. Seguindo as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), o ponto de partida passou a ser o texto para efetivo estudo de língua. Assim, trabalhar com texto implica trabalhar com leitura e escrita. Em virtude disso, adequados métodos de ensino ganham importância, afinal, os confrontos com os diversos gêneros textuais (MARCUSCHI, 2008) da vida diária, como lista de compras, artigo de jornais, cartas, piadas, bilhetes, histórias em quadrinhos, anotações diversas, relatos de vida, estimulam a mobilização de conhecimentos, a capacidade e/ou habilidade de leitura e de construção de sentidos.

Os conhecimentos, aliados às oportunidades de plena participação social, em atividades sociais mediadas pela escrita, permitem que os indivíduos desenvolvam mais facilmente suas competências linguístico-cognitiva, crítica e reflexiva, além de ampliar o número e a natureza das atividades sociodiscursivas e interacionais (KOCH, 2004) que já são capazes de realizar. Ler e compreender exigem que o leitor ative não apenas o seu conhecimento linguístico, mas também os seus conhecimentos cognitivos, interacionais e de mundo, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura em sala de aula, visto que a leitura é concebida como um “espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras” (BRASIL, 1997, p. 53).

Ancorados nos pressupostos teórico-analíticos da Linguística Textual (KOCH 2008, 2011; KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007; MARCUSCHI (2008), realizamos leituras e debates voltados ao tema da intertextualidade, além, é claro, de viabilizarmos estudos e análises de alguns textos em sala de aula de três escolas da rede pública, distribuídas entre a capital e o interior sergipano (Escola Municipal Diva Maria Correa, Escola Estadual Armindo Guaraná e Escola Estadual Professor Manuel Franco Freire). Dessa forma, pudemos verificar, sob uma perspectiva sociocognitivo-interacional da linguagem, o quanto a intertextualidade é necessária no processo de leitura para a produção de sentidos do texto. Além disso, foi possível notar se os textos trabalhados pelos professores interagem com os conhecimentos dos

alunos, visto que identificar ou não a presença de outro(s) texto(s) em uma produção escrita depende muito dos conhecimentos do leitor (KOCH, 2011). Essas análises são de grande importância para se refletir sobre questões de escrita/leitura na construção dos sentidos do texto, perceber como são construídos e reconstruídos os sentidos atribuídos a um mesmo texto. Nesse sentido, é interessante observar o que Koch (2002, p. 61) defende a respeito da pluralidade de sentidos do texto. Para essa autora, “todo texto constitui uma proposta de sentidos múltiplos e não de um único sentido, e que todo texto é plurilinear na sua construção”. No entanto, é importante ressaltar ainda que embora um mesmo texto permita várias interpretações, não podemos atribuir-lhe qualquer sentido, pois no decorrer de sua produção, o locutor fornece pistas ao interlocutor de modo que durante a atividade de leitura ele possa construir um sentido que seja compatível com a proposta apresentada pelo autor/produzidor.

Assim, esperamos que os professores tenham a oportunidade de selecionar textos e elaborar atividades que dialoguem com as vivências dos alunos, de modo a permitir que esses atores sociais identifiquem a presença de outros textos e o modo de constituí-los na atividade de leitura. O que conseqüentemente também contribuirá com o desenvolvimento de competências linguístico-cognitiva, crítica e reflexiva desses alunos. Vale ressaltar que este trabalho faz parte de dois projetos de pesquisa em andamento: “A Contribuição dos estudos do texto no processo ensino-aprendizagem” e “Texto e ensino: um domínio multidisciplinar”, vinculados respectivamente ao Programa de Inclusão à Iniciação Científica - PIIC/COPES/UFS (2011-2012) e ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/ CNPq (2011 – 2012).

2 O fenômeno da intertextualidade na formação de leitores

A leitura tem como finalidade desenvolver as competências linguístico-cognitiva, crítica e reflexiva dos aprendizes e, conseqüentemente, a formação de escritores. Portanto, para que essa competência em produzir e interpretar textos se desenvolva é necessário que a educação utilize um método de ensino que tenha como prioridade levar os alunos a desenvolverem atividades de linguagem a partir da diversidade de textos. Mas não são quaisquer textos. São textos que dialoguem com as vivências dos alunos, geralmente aqueles que levam informações e permitem o exercício da reflexão e façam parte da memória coletiva (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007). Textos que circulam socialmente. Pois a diversidade textual permite ao leitor/interlocutor fazer a relação entre as ideias que se cruzam no interior

do mesmo texto, ou aquelas encontradas em textos diferentes. Dessa forma, o leitor pode ter maior compreensão das intenções do autor. “Cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los” (BRASIL, 1997, p. 30).

Geralmente, no interior de paródias, letras de músicas, citações, resenhas, resumos, é que construímos o sentido dos textos e encontramos referências a outros textos. Existe sempre, uma anterioridade discursiva presente a partir dos e nos textos que lemos. Essa anterioridade é sempre uma pré-construção de discursos; trata-se de conhecimentos prévios advindos de leituras de outros textos que carregam marcas explícitas ou implícitas (KOCH; ELIAS, 2008) necessárias à compreensão de um novo texto. A esse respeito, nos PCN consta que

o discurso, quando produzido, manifesta-se linguisticamente por meio de textos. [...] O discurso possui um significado amplo: refere-se à atividade comunicativa que é realizada numa determinada situação, abrangendo tanto o conjunto de enunciados que lhe deu origem quanto as condições nas quais foi produzido [...] os textos, como resultantes da atividade discursiva, estão em constante e contínua relação uns com os outros. A essa relação entre o texto produzido e os outros textos é que se tem chamado **intertextualidade** (BRASIL, 1997, p. 25-26, grifo nosso).

Com base nos estudos de Koch e Elias (2008), podemos obter dois tipos de intertextualidade na leitura de textos: explícita e implícita. Na intertextualidade explícita há citação da fonte do intertexto. Já a intertextualidade implícita ocorre sem citação da fonte, pois o locutor pressupõe que o intertexto já faça parte dos conhecimentos textuais do leitor. Sendo assim, tanto a intertextualidade explícita quanto a implícita podem ser prejudicadas caso o leitor não leve em consideração seus conhecimentos prévios construídos a partir de textos precedentes.

Esses conhecimentos são estruturas fixadas na memória do ser humano, os quais são construídos ao longo da vida, dentro de contextos sociocognitivos e interacionais. Quando o leitor inicia sua leitura, mobiliza, por meio de intercâmbio verbal, o contexto sociocognitivo encarnado em seus conhecimentos, o qual

reúne todos os tipos de conhecimentos arquivados na memória dos atores sociais, que necessitam ser mobilizados por ocasião do intercâmbio verbal: o conhecimento linguístico propriamente dito; o conhecimento enciclopédico, quer declarativo (conhecimento que recebemos pronto, que é introjetado em nossa memória “por ouvir falar”), quer episódico (“frames”, “scripts”) (conhecimento adquirido através da convivência social e armazenado em

“bloco”, sobre as diversas situações e eventos da vida cotidiana [...]; o conhecimento da situação comunicativa e de suas “regras” (situacionalidade); o conhecimento superestrutural ou tipológico (gêneros e tipos textuais); o conhecimento estilístico (registros, variedades de língua e sua adequação às situações comunicativas); o conhecimento de outros textos que permeiam nossa cultura (intertextualidade) (KOCH E ELIAS, 2008, p. 63-64).

Levando esses conhecimentos em consideração, essas autoras acrescentam ainda a ideia de que a noção atual do contexto sociocognitivo dos interlocutores engloba o contexto, concernente à superfície textual; o contexto imediato, no que diz respeito a participantes, localidade e tempo da interação, objetivo da comunicação e meio de propagação; e o contexto mediato, que se refere ao entorno sociocultural, político e histórico.

Note-se, com base nesses pressupostos teóricos, que o leitor, para compreender um texto e construir relação entre textos, recorre necessariamente a uma série de estratégias de leitura, que se dividem em três grupos: cognitivas, sociointeracionais e textuais (KOCH, 2011). Sem essas estratégias, não há como o leitor mobilizar o contexto e os conhecimentos que possui. As estratégias cognitivas são as que funcionam como uma instrução geral para cada escolha que será feita no processamento textual. Essas estratégias se subdividem em seleção, antecipação, hipóteses, inferências e verificação. Desse modo, podemos afirmar, conforme Koch e Elias (2008), que

o texto não é resultado de “soma” de palavras, frases ou de outros textos, mas de um projeto de dizer constituído em uma dada situação comunicativa, para alguém, com certa finalidade e de determinado modo, dentre tantos outros possíveis. Não dá para ler sem a consideração ao contexto [...] (KOCH; ELIAS, 2008, p. 214).

Por isso, a leitura, nessa visão, não pode ser vista como atividade de decodificação de letras ou palavras, mas uma atividade que permite ao leitor construir um sentido para si mesmo, visto que

formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. (BRASIL, 1997, p. 54)

Como vemos, só a mobilização do conhecimento linguístico, isto é, da superfície do texto não possibilita ao leitor compreendê-lo, nem tampouco estabelecer relações entre textos que conhece, visto que só se constrói o sentido dos textos, levando-se em consideração o contexto sociocultural e o histórico do indivíduo.

3 Diálogos entre textos: a construção da intertextualidade

Abaixo, apresentamos dois textos que colocamos sob alvos de leitura e produção textual: um conto e uma autobiografia.

TEXTO 1

História dos negros no Brasil

Quando os africanos chegaram ao Brasil, não conheciam ninguém. Mas encontraram índios e homens brancos vindos da Europa, principalmente de Portugal. Foram trabalhar na lavoura de café como escravos dos homens brancos, que lucravam escravizando os negros.

Os escravos africanos trabalhavam muito, o dia todo, sem ganhar nenhum dinheiro. Recebiam apenas a moradia senzalas* e restos de comida. Os escravos só podiam comer depois que terminassem todo o serviço. Geralmente, misturavam as partes que sobravam dos porcos com feijão preto, e foi isso que deu origem a um prato nacional típico: a feijoada. Eram tratados como animais, só por serem negros. Quando faziam algo errado, eram castigados por seus donos. Amarrados em troncos de árvores, recebiam chicotadas. Sofreram muita discriminação e humilhação por causa da cor.

Depois de longo período de exploração e sofrimento, as coisas começaram a mudar. Os negros que viviam no Brasil queriam uma vida melhor: criar os filhos aqui, ter acesso a educação, saúde, escola e alimentação, como todas as pessoas. Com o tempo, começaram a dominar a técnica da capoeira, um tipo de luta africana, e bolaram um plano para escapar da escravidão. Fugiram e formaram um quilombo* chamado Palmares. Lá as pessoas eram tratadas como iguais, sem discriminação de raça, cor ou classe social. Nada pertencia a ninguém, tudo pertencia a todos. Como a maioria dos brancos estava a serviço dos latifundiários, muitos deles foram se juntar aos negros que tinham fugido para o quilombo dos palmares. Juntos, negros e brancos começaram a se arrumar para uma grande rebelião contra seus opressores. Mas, de repente, João Vitor acordou e percebeu que tudo não passava de um sonho que teve ao adormecer embaixo de uma árvore. João Vitor era negro e já tinha seus vinte anos. Trabalhava na lavoura e tinha ouvido muitas histórias como essa. Só que ele tinha um sonho e queria transformá-lo em realidade: queria ser uma pessoa importante e respeitada, como o ministro negro do Supremo Tribunal Federal.

A escravidão só acabou, no Brasil, em 1888, após a declaração da Lei Áurea.

**Senzala* – era um grande alojamento que se destinava à moradia dos escravos dos engenhos e das fazendas no Brasil.

**Quilombo* – era um local de refúgio dos escravos no Brasil, em sua maioria afrodescendentes (negros e mestiços), havendo minorias indígenas e brancas. O mais famoso na história do Brasil foi o de Palmares.

Fonte: <http://www.turminha.mpf.gov.br/continue-a-historia/os-internautas-criaram-uma-historia-super-legal-inspirada-na-historia-dos-negros-no-brasil-1> (adaptado).

TEXTO 2

Relato de Vida

Certa vez, eu, criança, tempo de escola, novas amizades, com muita inocência e crescendo a mentalidade sobre o entendimento da vida. Eu sou negra e a escola onde eu sempre estudei era considerada uma escola de alto nível acadêmico, eu sempre tive uma vida confortável e com o tempo fui percebendo que era uma das poucas crianças negras da escola, e comecei a me revoltar.

Chegava em casa e perguntava a minha mãe por que eu era de cor e ela sempre me explicava que era coisa de genética, mas aquilo não entrava na minha cabeça; ainda muito inocente e confusa.

Minhas colegas de escola da mesma idade, sem saber de nada, também me diziam que elas eram assim porque não comiam feijão e tomavam muito leite. A partir daquele dia simplesmente comecei a detestar feijão. Minha mãe me obrigava de todos os jeitos a comer, mas eu chorava, vomitava e dizia que estava passando mal. Com o tempo eu vi que aquilo não estava funcionando e ficava pelos cantos chorando. Minha mãe percebeu que eu não estava bem, já estava ficando fraca e bebia leite desesperadamente. Então ela começou a conversar comigo e eu disse o que minhas colegas haviam dito e ela me disse que tudo aquilo era besteira, que eu devia me orgulhar de ser negra. Ela começou a falar as histórias de negros batalhadores que ela conhecia, mesmo sendo branca, ela me falava tão deslumbrada das histórias dos negros que eu fiquei tão feliz de ser negra com a linda história dos meus antepassados. Podendo carregá-las comigo para todo lugar.

Ninguém pode arrancar isso de mim. Naquele dia eu pensei em me espelhar na minha mãe na forma de ela educar, de viver e batalhar, e graças a ela honro muito a minha cor.

Autora e obra: essa obra foi totalmente real, nós temos que ter noção dos nossos valores ainda crianças para só precisarmos ir os aumentando de acordo com o tempo. O ensinamento dos pais é fundamental para termos bons adultos no futuro.

Fonte: Clécya Nascimento Santos, aluna de 8ª série (adaptado).

Inicialmente foi feita a introdução dos textos base por nós, contextualizando-os, relacionando-os entre si e com outras disciplinas como: história e geografia; utilizando-os em sua totalidade como um instrumento multi e transdisciplinar; demandando autoridade e legitimidade na maneira de expor, já que nossa orientação e gestos enunciativos iriam adequando a impressão que queríamos transmitir aos alunos para que pudessemos alcançar a meta prevista para aquela atividade. A seguir trocamos informações. Ações que abrangem a troca de conhecimentos referentes ao conteúdo trabalhado nos textos apresentados. Dialogamos sobre suas características peculiares a partir dos elementos linguísticos, contextualizando o tema central, desses textos selecionados, à realidade sócio-histórica e cultural do aluno, instigando uma compreensão/interpretação própria dos textos lidos, esclarecendo fatos que não foram percebidos no momento da leitura com os alunos. Na terceira e última etapa, foi pedido uma produção textual escrita, onde o aluno contaria a partir de nossas discussões e de seu conhecimento de mundo, uma de suas experiências de vida ou de pessoas próximas a ele, experiência relacionada ao tema proposto, iniciando um processo de intertextualidade, pois para contar a história, precisaria retornar aos textos trabalhados (lidos/discutidos na sala de aula), relacionando-os aos episódios contidos em sua memória discursiva.

A fim de exemplificar essa construção de intertextualidade, apresentamos dois textos de dois alunos a seguir:

- (1) Eu entendi que nos não devemos ter preconceito por cor religião ou raça por esemplo eu sou negra mais puriço eu não vou fazer de tudo pra ficar branca por esemplo o rei do pop Michael Jaquison tirou a pele dele para ficar bramco e ficou branco sim mais qual sera o mutivo diso porque tenha enveja ou não gostava da sua cor eu nunca iria fazer isso min orgulho da minha cor essa é a minha Historia puriço não tenha vergonha de sua cor pois nos negros somos vensedor fim.
- (2) Quando eu estava em outra escola duas mininas brancas sempre Michamavam de Negenha, urubu. Um dia eu dissí que me onrava de ser negra Mas antis eu Mi sentia Muito diferente das outras pessoas. As duas meninas hoje são minhas amigas.

A autora do texto 1, como vemos, ativou seus conhecimentos no momento de produção do seu texto e/ou na leitura dos dois textos lidos também, ativando conhecimentos depositados na sua memória e muito conhecido por todos nós: a retirada da melanina do

cantor Michael Jackson. Além disso, expôs suas opiniões, o que justifica que pôde desenvolver suas competências crítica e reflexiva, bem como pôde fazer uma intertextualidade com os textos trabalhados quando da ativação da questão do orgulho de sua cor e suas conseqüentes transformações, como é o caso da libertação dos negros depois de tantos anos de escravidão. Já a autora do texto 2, ativou seus conhecimentos referentes às suas vivências, identificando-se com os dois textos-base no que se refere à luta enfrentada pelos negros, situação vivenciada por ela também, construindo relações entre os textos-base, além de imprimir marcas lexicais do texto “Relato de Vida” ao seu texto.

Por fim, podemos afirmar que a intertextualidade construída com esses estudos textuais em sala de aula possibilitou a mobilização de conhecimentos dos alunos sobre a história da escravidão no Brasil e a crítica ao preconceito racial.

4 Considerações finais

A relação entre textos permite aos alunos interagirem em seu universo, em que as relações sociais se refletem de maneira mais concreta. Contudo, os textos utilizados nessa interação precisam ser de qualidade. Os textos de qualidade são aqueles que melhoram a vida dos leitores. Na atividade de leitura, a compreensão ocorrerá sem abalos, como já se disse, se os conhecimentos do leitor são levados em consideração. Dessa forma, ele se tornará um leitor competente. Para que os alunos não sejam meros decodificadores de textos, mas leitores críticos, capazes de ler e compreender/interpretar textos, a escola deve proceder que

Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. [...] É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes (BRASIL, 1997, p. 55).

Assim, após este estudo, pudemos perceber a importância de se trabalhar com um método de ensino que leve em consideração a intertextualidade, pois além de formarmos cidadãos que satisfaçam às necessidades pessoais e da sociedade, formamos também leitores que possam construir seus pontos de vista sobre o mundo, enfim, entenderem a si mesmos e perceberem como a linguagem dá forma e significado à situação comunicativa em que eles estão inseridos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo, SP, Martins Fontes, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF, 1997.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____; BENTES, A. C; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.

_____; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editora, 2008.

ⁱ Graduanda do curso de Letras-Português da Universidade Federal de Sergipe; bolsista vinculada ao Programa de Inclusão à Iniciação Científica (PIIC) – PROSGRAP/COPES/UFS (2011-2012), desenvolvendo o projeto intitulado “A contribuição dos estudos do texto no processo ensino-aprendizagem”; membro do Grupo de Pesquisa: Estudos da Linguagem e Ensino; orientada pela Profa. Dra. Geralda de Oliveira Santos Lima do Departamento de Letras Vernáculas dessa Universidade.
elayneabeladejesus@hotmail.com

ⁱⁱ Graduando do curso de Letras-Português da Universidade Federal de Sergipe; bolsista vinculado ao Programa de Inclusão à Iniciação Científica (PIIC) – PROSGRAP/COPES/UFS (2011-2012), desenvolvendo o projeto intitulado “A contribuição dos estudos do texto no processo ensino-aprendizagem”; membro do Grupo de Pesquisa: Estudos da Linguagem e Ensino; orientado pela Profa. Dra. Geralda de Oliveira Santos Lima do Departamento de Letras Vernáculas dessa Universidade.
samuel_souza_15@hotmail.com

ⁱⁱⁱ Graduando do curso de Letras-Português da Universidade Federal de Sergipe; aluno/pesquisador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/ CNPq (2011 – 2012); vinculado ao projeto "Texto e ensino: um domínio multidisciplinar"; membro do Grupo de Pesquisa: Estudos da Linguagem e Ensino; orientado pela Profa. Dra. Geralda de Oliveira Santos Lima do Departamento de Letras Vernáculas dessa Universidade.
thiago-tche@hotmail.com